

IV PROJETAR 2009  
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA  
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL  
OUTUBRO 2009

EIXO INTERVENÇÃO

INTERVENÇÃO URBANA SANTA CECÍLIA:  
PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO ENTRE ESPAÇO PÚBLICO E ARQUITETURA

RENATA GONÇALVES MENDES  
ARQUITETA E URBANISTA

ENDEREÇO: RUA ANTÔNIO GONÇALVES DA CRUZ 60 APTO 114A  
VILA ANGLO BRASILEIRA – SÃO PAULO  
E-MAIL: REMENDES3@GMAIL.COM

## INTERVENÇÃO URBANA SANTA CECÍLIA:

### PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO ENTRE ESPAÇO PÚBLICO E ARQUITETURA

Cidade contemporânea, lugar das diferenças, onde ocorrem sucessivos processos de inclusão-exclusão. Cidade onde lugares trocam de função rapidamente, ao mesmo tempo em que sofrem processos de degradação e reutilização, compatibilidade e incompatibilidade sobrepostas (SECCHI, 2006). Tais transformações pressupõem evoluções de valores em relação ao modelo precedente, tal como a introdução de novas práticas e processos. Em meio a tal dicotomia, pressupõe-se pluralidade, diversidade e complexidade.

Projetar a cidade não significa resumir-se a continuação do que vem sendo produzido, segundo demandas pré-estabelecidas pelo mercado. Richard Rogers (2003) explica que a busca do lucro em curto prazo faz com que incorporadores optem pelos edifícios monos-funcionais, já que facilitam a padronização e comercialização. Entretanto, a introdução de novos conceitos possibilita novas formas de viver e usar os espaços, promovendo maior senso coletivo e melhoraria das relações sociais entre as pessoas. Na realidade brasileira, continuamente, o privado vem sendo colocado como principal e uma possível estratégia seria equalizar a importância dos espaços de modo que haja uma “urbanização do privado” onde os edifícios tenham caráter cada vez mais urbano e integrado à cidade e espaços individuais se tornem coletivos (SOLÀ-MORALES, 2001).

A intenção deste trabalho é assumir tal realidade e propor novas formas de reorganização do espaço, através da sobreposição de funções e articulação entre espaço público e arquitetura. A intervenção proposta funciona como um “núcleo compacto”, composto por equipamentos que atendem as necessidades imediatas da população tanto como dos freqüentadores esporádicos da área. Ao invés de um único e exclusivo edifício e uso, pensou-se em uma série de equipamentos que comporiam uma quadra permeável, geradora de mobilidade e espaços de convivência.

Entre os principais objetivos está o de privilegiar o pedestre que é um dos grandes usuários da região e possibilitar o retorno dos espaços públicos e miolos de quadra como espaços de renovação, muitas vezes somente encarados como espaços residuais. O programa de atividades da quadra urbana é composto, por: biblioteca, cinema, centro de apoio a educação, habitações, escritórios, comércios e restaurantes. Tais usos acontecem em diferentes situações e pavimentos, permitindo integração entre atividades e pessoas com o princípio de estimular os contatos, a segurança natural dos espaços e um maior senso coletivo.

Partindo de uma reflexão sobre a cidade contemporânea assume-se como eixo/atitude: Intervenção. As palavras-chave escolhidas foram: Conceito e Processo. O projeto parte de alguns conceitos que nortearam todas as intenções e rebatimentos no projeto, tais como: usos-combinados, permeabilidade, legibilidade e áreas de transição, já discutidos por muitos autores. Entre eles está Jane Jacobs (2000) que denomina o conceito de “usos combinados”, combinação de usos principais e secundários que promove a multiplicidade e mistura de tipos de pessoas usando os mesmos trajetos em diferentes horários, gerando a segurança natural das ruas, o surgimento de novos contatos e a interação e interdependência entre usos.

A área de intervenção escolhida: Santa Cecília caracteriza-se pela degradação e desvalorização, entretanto, interessantes espaços aparecem nesse contexto, como é o caso do Largo de Santa Cecília que configura o principal espaço público da região, através da confluência de pessoas e atividades. O desequilíbrio de freqüências de usos da área provoca grande movimentação de pessoas durante o dia e esvaziamento noturno, caracterizando a região como nó de passagem, característica presente na maioria dos bairros centrais da cidade de São Paulo. A estratégia de intervenção partiu desse cenário, com o intuito de respeitar fluxos existentes e eixos de usos, visando tornar usuários esporádicos em freqüentadores permanentes, usufruindo das atividades da área central.

## URBAN INTERVENTION SANTA CECÍLIA A PROPOSAL OF ARTICULATION BETWEEN THE PUBLIC SPACE AND ARCHITECTURE

A contemporary city, a place of differences, where continuous inclusion/exclusion processes occur. A city where places change their functions quickly, while having degrading and reuse processes, as well as superposed compatibility and incompatibility (SECCHI, 2006). Said transformations presuppose evolutions of values with regard to the preceding model, as well as the introduction of new practices and processes. Within this dichotomy, one presupposes plurality, diversity and complexity.

Projecting the city does not mean to limit to the continuation of what is being produced, as per the demands pre established by the market. Richard Rogers (2003) explains that the search for short-term profits make the constructors decide to build mono functional buildings as they make standardization and marketing easier. However, the introduction of new concepts enables new modes of living and using spaces, thus promoting a greater collective sense and improvement of the social relations among people. In the Brazilian reality, on a ongoing basis, the private has been placed as the main issue and a possible strategy would be to equalize the importance of spaces so that there may be the “urbanization of the private” where the buildings would enjoy a more urban character and integrated to the city and the individual spaces would become collective (SOLÀ-MORALES, 2001).

The purpose of this work aims at taking this reality and proposing new ways of reorganizing the space, by means of the superposing of functions and articulation between public space and architecture. The intervention proposed works as a “compact nucleus”, made up of equipment that will fulfill the immediate needs of the population and would also fulfill the people’s needs, who frequently use the area. Instead of a unique building and use, one thought about a series of equipment that would form a permeable track that would generate mobility and living spaces.

One of the major objectives is the one that privileges the pedestrian, who is one of the frequent users of the region and to enable the return of public spaces and cores of tracks as renewal spaces, many times only seen as residual spaces. The program of activities of the urban track would include: a library, a cinema, a center for educational support, housing, offices, commerce and restaurants. Said uses occur in different situations and stores, thus allowing the integration between the activities and the people with the principle of stimulating the contacts, the natural safety of spaces and a higher collective sense.

Starting from a reflection about the contemporary city, one assumes as an axle/ attitude: Intervention. The key words chosen were: Concept and Process. The project is based on some concepts that drive all the intentions and rebating of the project, such as: combined uses, clarity and transition areas, which have already been discussed by several authors. Among them, Jane Jacobs (2000), who defines the concept of “combined uses”, a combination of major and secondary uses that promote the multiplicity and mixture of types of people who use the same routes in different periods of time, generating the natural safety of the streets, the existence of new contacts and the interaction and interdependence among uses.

The intervention area that was chosen: Santa Cecília is characterized by the degradation and devaluation, but interesting spaces come up in this context, as is the case of the Santa Cecília Square that configures the main public space of the region, by means of the confluence of people and activities. The imbalance of the frequency of uses of the area brings a significant traffic of people during the day and a deserted night, characterizing the region as a knot of passage, which is a characteristic that is present in most of the central districts in the city of São Paulo. The strategy of intervention originated from this scenario, with the intent to respect the existing flows and axles of uses, aiming at transforming rare users into permanent users, thus taking advantages of the central area activities.

## INTERVENCIÓN URBANA SANTA CECILIA: PROPUESTA DE ARTICULACIÓN ENTRE ESPACIO PÚBLICO Y ARQUITECTURA

Ciudad contemporánea, lugar de las diferencias, donde ocurren constantes procesos de inclusión y exclusión. Ciudad donde lugares cambian de función rápidamente y, al mismo tiempo en que sufren procesos de degradación y reutilización, compatibilidad e incompatibilidad superpuestas (SECCHI, 2006). Dichas transformaciones presuponen evoluciones de valores con relación al modelo precedente, tal como la introducción de nuevas prácticas y procesos. En medio a tal dicotomía, se presupone pluralidad, diversidad y complejidad.

Proyectar la ciudad no significa resumirse a la continuación de lo que viene siendo producido, según demandas preestablecidas por el mercado. Richard Rogers (2003) explica que la búsqueda de lucro a corto plazo hace que constructores opten por edificios mono-funcionales, ya que facilitan la estandarización y comercialización. Mientras tanto, la introducción de nuevos conceptos posibilita nuevas maneras de vivir y utilizar los espacios, promoviendo más sentido colectivo y mejoras en los vínculos sociales entre las personas. En la realidad brasileña, continuamente, lo privado viene siendo colocado como fundamental y una posible estrategia sería equalizar la importancia de los espacios de manera que haya una “urbanización de lo privado” donde los edificios tengan carácter cada vez más urbano e integrado a la ciudad y los espacios individuales se transformen en colectivos (SOLÀ-MORALES, 2001).

La intención de este trabajo es asumir dicha realidad y proponer nuevas formas de reorganización del espacio, a través de la sobreposición de funciones y articulación entre espacio público y arquitectura. La intervención propuesta funciona como un “núcleo compacto”, compuesto por equipos que atienden a las necesidades inmediatas tanto de la población como de los visitantes esporádicos del área. En lugar de un único y exclusivo edificio y uso, se pensó en una serie de equipos que formarían una manzana permeable, generadora de movilidad y espacios de convivencia.

Entre los principales objetivos está el de privilegiar el peatón que es uno de los grandes usuarios de la región y posibilitar la vuelta de los espacios públicos y en el centro de la manzana como espacio de renovación, muchas veces vistos como espacios sobrantes. El programa de actividades de la manzana urbana es compuesto por: biblioteca, cine, centro de apoyo a la educación, habitaciones, oficinas, comercios y restaurantes. Dichos usos ocurren en diferentes situaciones y distintos pisos, permitiendo la integración entre actividades y personas con el principio de estimular los contactos, la seguridad natural de los espacios y un mayor sentido colectivo.

Partiendo de una reflexión sobre la ciudad contemporánea se asume como eje/actitud: Intervención. Las palabras clave elegidas fueron: Concepto y Proceso. El proyecto parte de algunos conceptos que orientaron todas las intenciones y rebatimientos en el proyecto, tales como: usos-combinados, permeabilidad, legibilidad y áreas de transición, ya discutidos por muchos autores. Entre ellos está Jane Jacobs (2000) que denomina el concepto de “usos combinados”, combinación de usos principales y secundarios que promueve la multiplicidad y mezcla de tipos de personas utilizando los mismos trayectos en diferentes horarios, generando la seguridad natural de las calles, el surgimiento de nuevos contactos y la interacción e interdependencia entre los usos.

El área de intervención elegida: Santa Cecilia se caracteriza por la degradación y desvalorización, pero interesantes espacios aparecen en este contexto, como es el caso de La Plaza de Santa Cecilia que configura el principal espacio público de la región, a través de la confluencia de personas y actividades. El desequilibrio de frecuencias de uso del área provoca gran movimiento de personas durante el día, y el vacío nocturno, caracterizando la región como cruce de pasaje, característica presente en la mayoría de los barrios centrales de la ciudad de São Paulo. La estrategia de intervención partió de ese mismo escenario, con el intento de respetar flujos existentes y ejes de uso, visando transformar usuarios esporádicos en frequentadores permanentes, gozando de las actividades del área central.

## INTERVENÇÃO URBANA SANTA CECÍLIA: PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO ENTRE ESPAÇO PÚBLICO E ARQUITETURA

*“Nas descrições dos urbanistas, sociólogos, antropólogos, etnólogos e economistas, foram utilizados termos geralmente dotados de grande amplitude semântica, como fragmento, heterogeneidade, descontinuidade, desordem e caos. Graças ao poder evocativo e construtivo desses termos, a cidade contemporânea parece para muitos como um confuso amalgama de fragmentos heterogêneos, no qual não é possível reconhecer nenhuma regra de ordem, nenhum princípio de racionalidade que a faça inteligível. No entanto, como Henry Miller disse uma vez, confusão é uma palavra inventada para indicar uma ordem que não se compreende”<sup>1</sup>*

Cidade contemporânea, lugar das diferenças, onde ocorrem sucessivos processos de inclusão-exclusão. Cidade onde lugares trocam de função rapidamente, ao mesmo tempo em que sofrem processos de degradação e reutilização, compatibilidade e incompatibilidade sobrepostas. Tais transformações pressupõem evoluções de valores em relação ao modelo precedente, tal como a introdução de novas práticas e processos. Em meio a tal dicotomia, pressupõe-se pluralidade, diversidade e complexidade.

Bernardo Secchi, em seu livro “Primeira Lição do Urbanismo” propõe a discussão acerca da transição da Cidade Moderna para Cidade Contemporânea. O período central do século XX, entre a primeira Guerra Mundial e o início dos anos 90, significou o que o historiador inglês Eric J. Hobsbawm denominou de “século breve”. Nesse período ocorreram inúmeras transformações e reconstruções de algumas cidades, o que terminou com a transição da cidade moderna para a cidade contemporânea. Os processos se tornaram cada vez mais acelerados, marcados de transitoriedade de acontecimentos, em que lugares começaram a mudar de função rapidamente, como por exemplo, casas que viraram fábricas e vice-versa.<sup>2</sup>

Secchi explica que o movimento moderno pregava valores posicionais cuja distribuição das atividades na cidade era previsível: no centro eram instaladas atividades de maior valor, tais como atividades comerciais e econômicas, habitações da classe rica e instituições importantes, enquanto dirigindo-se para periferia localizavam-se as atividades consideradas menos importantes, tal como habitações para classe média baixa. Por fim na extrema periferia, localizavam-se as classes populares e equipamentos de baixo prestígio, tal como manicômios, fábricas e quartéis. Entretanto, a cidade contemporânea estabelece a quebra desses valores posicionais e simbólicos impostos pelo Modernismo. Existe um contínuo processo de adequação de atividades e surgimento de novas atividades.

Secchi mostra que na concepção moderna, os equipamentos urbanos encarados como locais especializados de uso, tal como “máquinas funcionais”, eram submetidos a regulamentos rígidos e separados do contexto urbano, através de uma rígida separação do espaço público (exterior) para o privado (interior). Entretanto, a partir do século XVIII, com a decomposição do espaço urbano e separação dos postos de trabalho em relação às habitações e outros equipamentos, aumentou-se o controle da vida privada. Ao invés da rua ou mercados, as fábricas e postos de trabalho se tornaram os principais espaços de socialização. Partindo dessa condição, a cidade contemporânea substituiria novamente tais espaços de socialização pelos conhecidos “shoppings mall” entre outros espaços como parques de diversão, estádios, ginásios de esportes, cinemas e as praias. Geralmente são espaços pedestrializados e no caso dos shoppings, climatizados, dotados de praças internas e comércios de ambos os lados que se assemelham ao que se consideravam as galerias antigas. Os processos atuais levam a formações de diversos “parques de usos”, que analogicamente são os complexos comerciais, condomínios habitacionais, parques temáticos entre outros.

---

<sup>1</sup> SECCHI, Bernardo. Primeira Lição de Urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.88.

<sup>2</sup> Ibid.

Segundo Christian de Portzamparc, a cidade contemporânea atual apresenta-se como a “Terceira Era da Cidade”, onde há o surgimento de novas relações entre arquitetura e cidade, através do que ele denominou de “quadra aberta”. Portzamparc acredita na evolução e configuração de uma nova cidade ao mesmo tempo contrastante e contígua ao que ele denominou de “Primeira e Segunda Era da Cidade”.<sup>3</sup>

A “Primeira Era” é marcada pela cidade que parte de seus vazios, do não construído. A quadra é tradicional e um esquema único define a configuração da cidade:

*“... a cidade é vista, compreendida, percorrida, planificada segundo os vazios dos espaços públicos, vazios estes definidos por suas bordas cheias, construídas: as insulae, as quadras (ilots) (...). A coesão da forma da cidade na 1ª Era é dada pela dimensão coletiva e comunitária.”<sup>4</sup>*

Baseada no pensamento moderno e marcada por acontecimentos históricos importantes como a Industrialização, a “Segunda Era” propõe uma ruptura no tempo e um novo modo de vida. Contrapondo-se a “Primeira Era”, a cidade parte dos objetos cheios, onde o edifício representava elemento autônomo da quadra, ao invés de mais um elemento que reforçasse a continuidade do entorno.

Segundo Portzamparc, a “Terceira Era” inicia-se no momento em que a Segunda perde seu poder e destaque, pois as dinâmicas da cidade mudam, juntamente com suas demandas e tendências econômicas e sociais. Adota-se a idéia de “concentração urbana heterogênea”<sup>5</sup>, que pressupõe uma tentativa de resgate dos conceitos do passado adaptados a uma nova realidade. Tal realidade remeteria à pluralidade e constante complexidade. Não haveria mais a predominância de um estilo sobre os outros, o que permitiria inúmeras soluções para um único objeto.

Segundo Richard Rogers, o conceito de ‘cidade compacta’ contemporânea reinventa o modelo de ‘cidade densa’ que foi anteriormente rejeitado no século XX, devido aos graves problemas de insalubridade urbana das cidades industriais. Agora sob uma nova realidade, Rogers acredita que:

*“... devemos investir na idéia de ‘cidade compacta’ – uma cidade densa e socialmente diversificada onde as atividades econômicas e sociais se sobreponham e onde as comunidades sejam concentradas em torno de uma unidade de vizinhança.”<sup>6</sup>*

A cidade compacta incorpora o conceito de uso misto, o qual Rogers evidencia que ainda é encarado com resistência pelos incorporadores públicos e privados. Apesar da lógica do uso misto gerar vitalidade para a cidade e facilidades para os usuários, já que a multiplicidade de equipamentos reduz a necessidade de deslocamentos através do automóvel, o uso misto ainda é encarado com resistência pelos gerenciamentos, pois impõem novas formas de propriedade aos usuários, como maior senso coletivo.

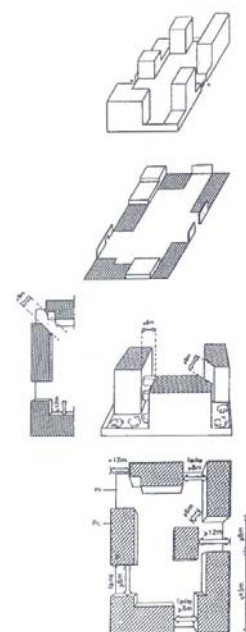


Fig. 01: Quadra Aberta.  
Fonte: Revista Ócolum 9, 1997, p.42.



Fig. 02: “Primeira e Segunda Era da Cidade”.  
Fonte: Revista Ócolum 9, 1996, p.36 e 37.

<sup>3</sup> PORTZAMPARC, Christian de. A terceira era da cidade. Tradução Denio Munia Benfatti. In: Ócolum, Revista Universitária de Arquitetura e Urbanização, São Paulo, FAUPUCCAMP, n.9, p.34-49, ago., 1997.

<sup>4</sup> Ibid., p.38.

<sup>5</sup> Ibid., p.39.

<sup>6</sup> ROGERS, Richard. Cidades para um pequeno planeta. Barcelona: GG, 2000, p.33.

Rogers mostra que projetar a cidade não significa resumir-se a continuação do que vem sendo produzido, segundo demandas pré-estabelecidas pelo mercado. Ele explica que a busca do lucro em curto prazo faz com que os incorporadores optem pelos edifícios monofuncionais, já que facilitam a padronização e comercialização.

*“A Cidade Compacta (...) cresce em volta de atividades sociais e comerciais localizadas junto aos pontos nodais de transporte público, pontos focais, em volta dos quais, as vizinhanças, cada uma delas com seus parques e espaços públicos, acomodando uma diversidade de atividades públicas e privadas sobrepostas.”<sup>7</sup>*

A idéia de “cidade compacta” rejeita o modelo de desenvolvimento monofuncional e da predominância do automóvel, ao mesmo tempo em que tem como diretrizes ampliar a mobilidade e qualidade de vida dos pedestres. Rogers acredita que males da cidade contemporânea, tais como o congestionamento e a poluição diminuiriam, enquanto os espaços públicos seriam espaços seguros de convivência. A maior integração dos usos e atividades incentivaria a melhoria das relações sociais entre as pessoas.

### Os núcleos compactos e de uso misto reduzem as necessidades de deslocamentos e criam bairros sustentáveis e cheios de vitalidade

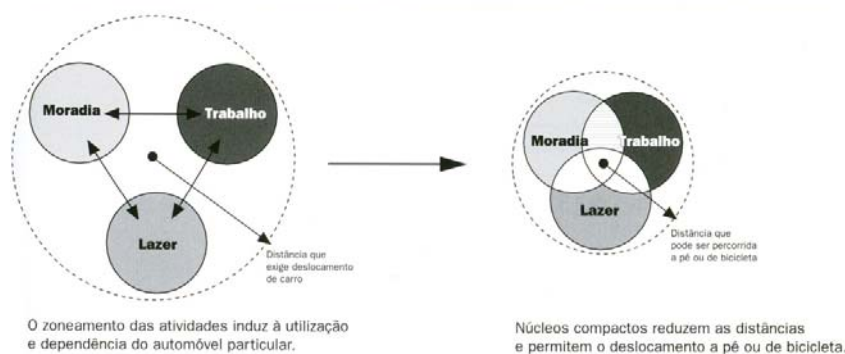


Fig. 03: Diagrama dos núcleos compactos. Fonte: Rogers, 2005, p.39.

Jane Jacobs, em seu livro *Morte e Vida de Grandes Cidades*, mostra que os usuários têm grande contribuição na segurança dos espaços públicos das cidades através da vigilância natural das ruas e calçadas. Entretanto, para existir movimentação intensa de usuários são necessários motivos para que as pessoas utilizem tais espaços. Assim, a segurança e vida dos espaços públicos associam-se a presença ou não de atividades e usos estimulantes.<sup>8</sup>

Jacobs reforça a importância da mistura dos usos e denomina o conceito de “usos combinados”. Tal mistura deve ser complexa o suficiente para proporcionar a segurança urbana, o contato entre as pessoas e a interação entre os usos, já que as grandes cidades são as grandes provedoras de diversidade.

*“... embora as cidades possam ser apropriadamente chamadas de geradoras naturais de diversidade econômica e incubadoras naturais de novas empresas, isso não significa que as cidades gerem diversidade automaticamente, pelo simples fato de existirem. Elas a geram por causa das diversas e eficientes combinações de usos econômicos que formam.”<sup>9</sup>*

Jacobs acredita que os distritos da cidade devem atender a mais de uma função principal, ou seja, deve haver vários usos que atraiam pessoas para a área em diferentes horários e por diferentes propósitos, usando boa parte da infra-estrutura do distrito. A variedade de combinação de estados de conservação e idades dos edifícios possibilita uma rica diversidade econômica, juntamente com as altas densidades de pessoas.

<sup>7</sup> ROGERS, Richard. *Cidades para um pequeno planeta*. Barcelona: GG, 2000, p.38.

<sup>8</sup> JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p.163.

Segundo Jacobs, os usos principais funcionariam como âncoras, atraindo as pessoas a um lugar específico. Exemplos de usos principais são: os escritórios, fábricas, habitações e alguns equipamentos de educação e lazer, como as Bibliotecas e Museus. Os usos principais isolados tendem a ser ineficientes para vitalidade das ruas, pois podem gerar desequilíbrio de horários de uso, causando muitas vezes, sintomas de decadência urbana tais como insegurança, degradação e violência. Entretanto, os usos principais combinados atraem pessoas em horários diferentes e promove a “diversidade derivada”, termo usado por Jacobs para denominar o surgimento de atividades secundárias que usufruem da movimentação de pessoas gerada pelos usos principais, como no caso dos comércios. A eficiência dos usos combinados se dá, a partir do momento que há a multiplicidade e mistura de tipos de pessoas usando os mesmos trajetos em diferentes horários, contribuindo para segurança, contatos e interação entre os usos.

*“Quanto mais complexa for a mistura de grupos de usuários – e daí sua eficiência –, maior será o número de serviços e lojas necessários para pinçar sua clientela dentre todos os tipos de grupos de pessoas, e conseqüentemente maior será o número de pessoas atraídas.”<sup>10</sup>*

Pensando nas grandes cidades, muitas vezes a dispersão das pessoas e acontecimentos está intimamente relacionada ao seu tamanho. Cidades grandes organizam seus territórios através de áreas especializadas de uso, como por exemplo, zonas de comércio, habitação, serviços e indústrias. Em contrapartida, ainda existem cidades antigas cuja morfologia urbana está vinculada à idéia de cidade no centro de uma praça. Tal morfologia vem servindo de referência para muitos projetos urbanos contemporâneos.<sup>11</sup>

Gehl destaca que ao longo da história, as ruas e as praças foram elementos básicos para a formação das cidades. Entretanto, muitas cidades acabaram perdendo a essência da importância desses elementos de estruturação urbana e tornaram-se áreas enormes e sem uso. Apesar disso, alguns projetos contemporâneos vêm resgatando a essência do desenvolvimento das cidades em torno de ruas e praças, como por exemplo, o bairro residencial de Robert Krier em Berlim e o projeto para a cidade de Almere na Holanda.



Fig. 04: Almere. Fonte: L'architecture d'aujourd'hui Participer, 368, janv.-fév.2007, p.21.

Segundo Hertzberger, a rua, muitas vezes, é encarada como lugar do vandalismo, onde as pessoas estão desprotegidas. Ele acredita que o conceito de rua como lugar de contato social se desvalorizou devido alguns fatores tais como o aumento do tráfego motorizado, anulação da rua como espaço comunitário e melhores condições econômicas das pessoas que fizeram com que elas necessitassem cada vez menos de seus vizinhos entre outras coisas.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.178.

<sup>11</sup> GEHL, Jan. La humanización del espacio urbano. Barcelona: Editora Reverte, 2006.

<sup>12</sup> HERTZBERGER, Herman. Lições da Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



Entretanto, Hertzberger, acredita que o conceito de “rua” deve ser resgatado como “lugar de contato social entre os moradores”, como vem acontecendo em alguns novos projetos de renovação e conjuntos residenciais na Holanda. As novas ruas possuem ausência de tráfego motorizado, prioridade para pedestres e são utilizadas como espaços de lazer pelas crianças.

*“Se as casas são domínios privados, a rua é o domínio público. Dar igual atenção à moradia e à rua significa tratar a rua não apenas como o espaço residual entre quadras residenciais, mas sim como elemento fundamentalmente complementar, espacialmente organizado com tanto cuidado que possa criar uma situação na qual a rua possa servir a outros objetivos além do trânsito motorizado.”<sup>13</sup>*

Além das ruas ao ar livre, as galerias funcionam como uma ampliação da esfera privada, através de ruas internas de comércio. As galerias foram uma alternativa aos edifícios públicos, que apesar de serem acessíveis para o maior número de pessoas possível, não ficavam permanentemente abertos.

*“As galerias serviam em primeiro lugar para explorar os espaços interiores abertos, e eram empreendimentos comerciais afinados com a tendência de abrir áreas de venda para um novo público de compradores. Deste modo, surgiram circuitos de pedestres no núcleo das áreas de lojas.”<sup>14</sup>*

Segundo Hertzberger (1996), com o aumento do trânsito de carros nos centros das cidades, as galerias acabaram tornando-se alternativas de percurso para os pedestres e acesso ao interior das quadras, enquanto as fachadas dos edifícios funcionavam como elementos autônomos. As galerias relativizam os espaços públicos e privados, ao mesmo tempo em que une edifícios separados. Ao invés de fortalecer a autonomia das edificações, a galeria funciona como elemento de inter-relação entre elas.

*“O conceito de galeria contém o princípio de um novo sistema de acesso no qual a fronteira entre o público e o privado é deslocada e, portanto, parcialmente abolida; em que, pelo menos do ponto de vista espacial, o domínio privado se torna publicamente acessível.”<sup>15</sup>*

Herman Hertzberger em seu livro “Lições de Arquitetura” explica o que condiciona a denominação de público e privado dos espaços:

*“Pública é uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente. Privada é área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem responsabilidade de mantê-la.”<sup>16</sup>*

Tal definição considera que o caráter público ou privado dos espaços é determinado pelo grau de acessibilidade e responsabilidade pelos usuários. Esses são os dois principais fatores que diferem a esfera privada da esfera pública. Entretanto, Hertzberger (1996) reforça que os conceitos de público e privado são relativos. Os usuários que darão aos espaços caráter público ou privado, de acordo com suas formas de apropriação, necessidades culturais e também devido aos incentivos arquitetônicos:

*“... o caráter público do espaço é temporário ou permanente colocado em questão por meio do uso.”<sup>17</sup>*

Tomando como exemplo a cidade de Bali, os habitantes costumam colocar o arroz para secar nos caminhos públicos de pedestres. Tal demarcação territorial mostra uma apropriação do espaço público para um uso privado devido a uma necessidade da população.

Ao contrário das rígidas demarcações entre público e privado, os espaços de transição ou intervalos estabelecem uma suave transposição do público e privado. Segundo Hertzberger:

---

<sup>13</sup> HERTZBERGER, Herman. Lições da Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.64.

<sup>14</sup> Ibid., p.74.

<sup>15</sup> Ibid., p.77.

<sup>16</sup> Ibid., p.12.

<sup>17</sup> Ibid., p.16.

*“Entradas, alpendres e muitas outras formas de espaço de intervalo fornecem uma oportunidade para a ‘acomodação’ entre mundos contíguos”<sup>18</sup>*

*“O conceito de intervalo é a chave para eliminar a divisão rígida entre áreas com diferentes demarcações territoriais.”<sup>19</sup>*

Segundo Jan Gehl, os espaços públicos podem ser atrativos ou não dependendo do seu desenho e dos limites estabelecidos entre o público e o privado. As zonas de transição entre os espaços públicos e privados podem ser bem ou pouco definidas. Os limites flexíveis possibilitam uma permeabilidade física entre o público e o privado, atuando como elementos de conexão. Além das zonas de transição, espaços que permitem ver o que se passa nos espaços internos ou externos podem atuar como estimuladores para a participação das outras pessoas, como por exemplo, os pátios de jogos para crianças voltadas para as residências, os cafés com terraços e as lojas voltadas para circulação de pedestres.

Segundo Solà-Morales, a partir do final do século XIX, o pensamento urbanístico da cidade ocidental começou a ter a preocupação em distinguir o público do privado, de modo que o público fosse colocado como superior. Em reflexo desses pensamentos, algumas cidades assumiram idéias vindas dos anos 70 e outras as esqueceram, produzindo edifícios e espaços públicos que definem a cidade como vitrines do consumo estético. Entretanto, algumas cidades como Barcelona, são exemplos de aprimoramento da cidade em direção aos espaços públicos<sup>20</sup>. A partir dos governos democráticos, as pessoas voltaram a vivenciar tais espaços e a inclinação aos espaços públicos gerou uma nova imagem de cidade:

*“mudar a cidade a partir de seus vazios, em contraposição ao quieto e pesado corpo edificado.”<sup>21</sup>*

Depois do ano de 1982, os parques começaram a ser os elementos principais, onde as inserções tinham como intuito a recuperação de áreas degradadas e obsoletas. Tais medidas de fortalecimento dos espaços públicos fortaleceram a imagem do municipal e dos próprios espaços de domínio público.

Em contrapartida, Solà-Morales (2001) questiona a falta de propostas no âmbito privado, que pode ocasionar na hipertrofia dos próprios espaços públicos, devido à nítida distinção entre público e privado.

*“A importância do espaço público não está, certamente, em ser mais ou menos extenso, quantitativamente dominante ou protagonista simbólico, senão referir entre si os espaços privados fazendo também deles patrimônio coletivo. Dar caráter urbano aos edifícios e lugares que sem isso seriam somente privados, esta é a função dos espaços públicos – urbanizar o privado, quer dizer, converte-los em parte do público.”<sup>22</sup>*

Segundo Solà-Morales, os espaços ambíguos tais como restaurantes e hotéis de final de semana, discotecas suburbanas, centro de vendas, hipermercados periféricos, estádios entre outros são os espaços coletivos modernos; são espaços intermediários, nem públicos, nem privados que devem compor os elementos estimulantes do tecido urbano das futuras cidades.

*“A riqueza civil e arquitetônica, urbanística e morfológica de uma cidade, são seus espaços coletivos, todos os lugares onde a vida coletiva se desenvolve, representa e recorda. Talvez estes sejam, cada dia mais, os espaços que não são nem públicos nem privados, se não ambos ao mesmo tempo. Espaços públicos absorvidos por usos particulares, ou espaços privados que adquirem uma utilização coletiva.”<sup>23</sup>*

<sup>18</sup> HERTZBERGER, Herman. Lições da Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.32.

<sup>19</sup> Ibid., p.40.

<sup>20</sup> SOLÀ-MORALES, M. Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Editora Terceiro Nome, Viva o Centro, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, p. 15-21; p. 69-71; p. 100-119. 2001.

<sup>21</sup> Ibid., p.102.

<sup>22</sup> Ibid., p.103-104.

<sup>23</sup> Ibid., p.103-104.

Na realidade brasileira, cada vez mais, o privado é colocado como preponderante, o que ocasionou numa “hipertrofia” invertida, citada por Solà-Morales. O público é evitado, enquanto o privado é incentivado pelo mercado. Apesar disso, as possíveis estratégias de converter essa situação são as mesmas. Equalizar a importância dos espaços de modo que haja uma “urbanização do privado”, onde os edifícios tenham caráter cada vez mais urbano e integrado à cidade, de modo que os espaços se tornem coletivos.

Baseando-se nas idéias citadas, a intenção deste trabalho é assumir tal diversidade da cidade contemporânea e propor uma experimentação, baseada em novas formas de reorganização do espaço, através da sobreposição de funções e articulação entre espaço público e arquitetura. Nesse contexto existe a tentativa de resgatar a relação entre arquitetura e espaços públicos, propondo-se estratégias para fazer “reinventar” lugares.

A área de intervenção escolhida bairro de Santa Cecília está inserida na região central da cidade de São Paulo. Atualmente, o centro sofre um processo de mudança de perfil de ocupação, em que houve queda na qualidade de vida e empobrecimento da população. Ademais, há um desequilíbrio de freqüências de usos da área: grande movimentação de pessoas durante o dia e esvaziamento noturno, caracterizando a região como nó de passagem. O estudo da área permite estabelecer um diagnóstico que demonstra potencialidades e problemas que são considerados em todo processo de projeto. Bairros vizinhos, como Higienópolis e Consolação influenciaram no perfil do bairro que vem se verticalizando. Barreiras urbanas, como é o caso do “Minhocão” marcam a degradação e desvalorização da área, entretanto, interessantes espaços aparecem nesse contexto, como é o caso do Largo de Santa Cecília que configura o principal espaço público da região, através da confluência de pessoas e atividades.

A estratégia de intervenção parte desse cenário, com o intuito de respeitar fluxos existentes e eixos de usos, visando tornar usuários esporádicos em freqüentadores permanentes, usufruindo das atividades da área central. A intervenção proposta funciona como um “núcleo compacto”, citado por Rogers. Ao invés de um único e exclusivo edifício e uso, pensou-se em uma série de equipamentos que compõe uma quadra permeável, geradora de mobilidade e espaços de convivência. Entre os principais objetivos está o de privilegiar o pedestre e possibilitar o retorno dos espaços públicos e miolos de quadra como espaços de renovação.

O programa de atividades da quadra urbana é composto por: biblioteca, cinema, centro de apoio a educação, habitações, escritórios, comércios e restaurantes. Tais usos acontecem em diferentes situações e pavimentos, permitindo integração entre atividades e pessoas com o princípio de estimular os contatos, a segurança natural dos espaços e um maior senso coletivo.



Fig. 05: Intervenção proposta. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007



Fig. 06: Implantação. Sem escala. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007

Partindo de uma reflexão sobre a cidade contemporânea assume-se como eixo/atitude: Intervenção. As palavras-chave escolhidas foram: Conceito e Processo. O projeto é baseado em alguns conceitos, já discutidos anteriormente pelos autores citados, que norteiam todas as intenções e rebatimentos no projeto, tal como o conceito de usos-combinados, permeabilidade, resgate do conceito de “rua”, áreas de transição e flexibilidade de limites entre público e privado.

Um dos principais conceitos adotados no projeto é o de diversidade. A diversidade proporciona a variedade de experiências nos espaços, a partir do momento que promove as opções de escolha. Os principais objetivos buscados com a diversidade são o de atrair pessoas distintas, em diferentes horários e por diversas razões, além de promover múltiplas atividades e diferentes formas de interpretação e apropriação dos espaços.<sup>24</sup>

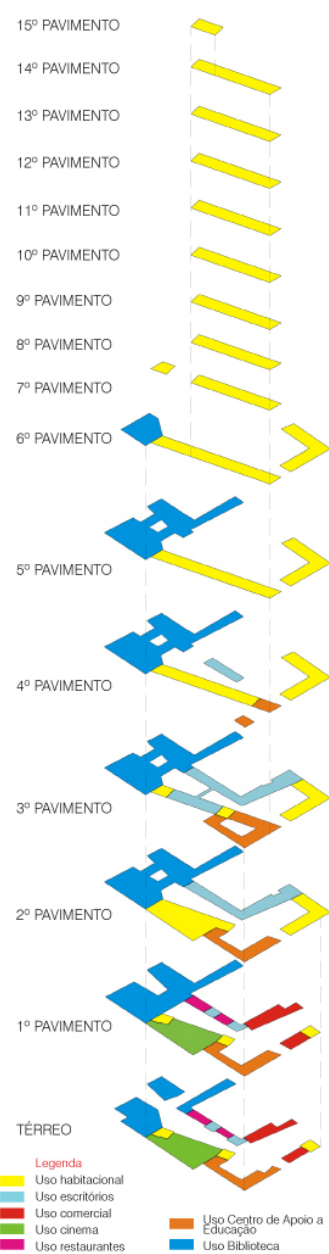


Fig. 07: Usos combinados das edificações. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007

<sup>24</sup> BENTLEY, I. et al. Entornos Vitales – hacia un diseño urbano y arquitectónico más humano – Manual Práctico. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

Após análise da área se estabelece uma possível demanda de atividades formando um complexo programa de atividades. Considera-se necessário ter usuários permanentes na quadra, para que durante todos os períodos do dia ela esteja sendo ocupada. Os usos principais são aqueles que permitem essa presença constante de pessoas, como é o caso das habitações e escritórios que atuam como motores, atraindo gente ao lugar. Os usos institucionais como é o caso da Biblioteca/ Internet, Cinema e Centro de Apoio a Educação também funcionam como usos principais, apesar de terem horas específicas de funcionamento. Além dos principais são necessários usos secundários, como as lojas e restaurantes, que vivem da gente atraída ao lugar pelas atividades principais. Usos principais e secundários estabelecem uma relação de complementaridade e promovem a sustentação da “vida” urbana da quadra.<sup>25</sup>

Outro conceito importante é o conceito de permeabilidade dos espaços. Esse conceito associa-se ao resgate do conceito de “rua” de Hertzberger, juntamente com o de galeria urbana. Bentley mostra que a permeabilidade dos espaços é obtida através do número de alternativas de percursos. Os principais eixos de pedestres existentes são respeitados, tais como a continuidade do fluxo vindo da principal rua, a Rua Dona Veridiana e desencadeando na Rua das Palmeiras, que está sendo intensificado com a criação de uma permeabilidade pelo meio da quadra, além do acesso direto vindo do metrô Santa Cecília.

Além da permeabilidade física, a permeabilidade visual permite que os acessos para dentro da quadra sejam vistos mesmo de longe pelos pedestres.

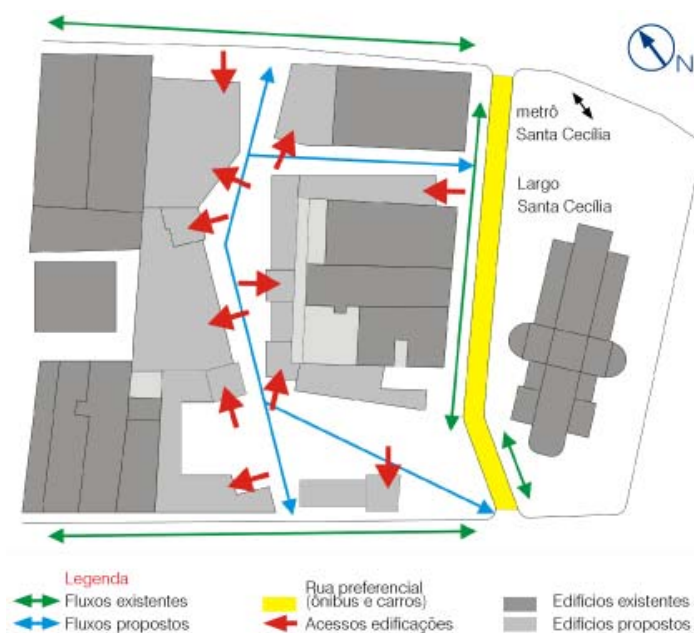


Fig. 08: Permeabilidade. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007

Ao contrário das rígidas demarcações entre público e privado, os espaços de transição ou intervalos estabelecem uma suave transposição do público para o privado e vice e versa.<sup>26</sup> Os limites flexíveis possibilitam uma permeabilidade física entre público e privado, atuando como elementos de conexão e espaços convidativos, já que muitas vezes permitem a visualização do que se passa nos espaços internos e externos, estimulando a participação das outras pessoas.

Os espaços de transição propostos localizam-se nos principais acessos das edificações e em áreas cobertas fazendo com que sejam os principais pontos de encontro. A área dos restaurantes

<sup>25</sup> BENTLEY, I. et al. Entornos Vitales – hacia un diseño urbano y arquitectónico más humano – Manual Práctico. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

<sup>26</sup> HERTZBERGER, Herman. Lições da Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



e cinema funciona como área de permanência e circulação, pois se encontra no núcleo da quadra e na convergência das circulações.

A proposta de Intervenção parte de uma nova forma de organização dos espaços da cidade e articulação e interdependência entre espaços públicos e arquitetura, através da mistura de conceitos e organização dos mesmos vindos de diferentes autores tal como Jane Jacobs, Hertzberger, Gehl, Solà-Morales entre outros. Arquitetos que vêm tentando resgatar a essência dos espaços públicos e relação arquitetura e cidade.



Fig. 09: Vista externa da quadra. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007



Fig. 10: Vista interna da quadra. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007

Através de uma reflexão sobre os processos que vem acontecendo nas cidades brasileiras, em especial São Paulo e da tentativa de trazer mais urbanidade para os edifícios e projetos, pensou-se na qualidade urbana e vida nos espaços públicos trazendo questões como a diversidade e resgate dos miolos de quadra como espaços de renovação e atividades, entre outras coisas. Já faz algum tempo que a cidade vem se “fechando” cada vez mais. Os programas de lazer se reduzem a locais ainda mais fechados e controlados. A cada esquina, se vêem comerciantes ampliando suas lojas, “roubando” partes das calçadas públicas, enquanto o fluxo de pessoas nas ruas aumenta cada vez mais e a cidade vem perdendo seus espaços públicos e de uso coletivo. Dessa forma, torna-se necessário pensar quais serão as novas formas de intervenção e renovação da cidade contemporânea.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENTLEY,I. et al. Entornos Vitales – hacia un diseño urbano y arquitectónico más humano – Manual Práctico. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

EMURB. Caminhos para o centro. Estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo. São Paulo: 2004

GEHL,Jan. La humanización del espacio urbano. Barcelona: Editora Reverte, 2006.

GEHL,Jan; GEMZOE, Lars. Novos espaços urbanos. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2002

HERTZBERGER, Herman. Lições da Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes,1999.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PORTZAMPARC, Christian de. The “open block”. A+U 04:08, P. 88-93. 2004.

PORTZAMPARC, Christian de. A terceira era da cidade. Tradução Denio Munia Benfatti. In: Óculum, Revista Universitária de Arquitetura e Urbanização, São Paulo, FAUPUCCAMP, n.9, p.34-49, ago., 1997.

POWELL, Kenneth. La transformación de la ciudad. 25 proyectos internacionales de arquitectura urbana a principios Del siglo XXI. Lisboa: Editora Presença, 1984.

ROGERS, Richard. Cidades para um pequeno planeta. Barcelona: GG, 2000.

SECCHI, Bernardo. Primeira lição de urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 2006

SOLÀ-MORALES, M. Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Editora Terceiro Nome, Viva o Centro, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, p. 15-21; p. 69-71; p. 100-119. 2001.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 01: Quadra Aberta. Fonte: Revista Óculum 9, 1997, p.42.....	05
Fig. 02: “Primeira e Segunda Era da Cidade”. Fonte: Revista Óculum 9, 1996, p.36 e 37.....	05
Fig. 03: Diagrama dos núcleos compactos. Fonte: Rogers, 2005, p.39.....	06
Fig. 04: Almere. Fonte: L’architecture d’aujourd’hui Participer, 368, janv.-fév.2007, p.21.....	07
Fig. 05: Intervenção proposta. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007.....	10
Fig. 06: Implantação. Sem escala. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007.....	11
Fig. 07: Usos combinados das edificações. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007.....	11
Fig. 08: Permeabilidade. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007.....	12
Fig. 09: Vista externa da quadra. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007.....	13
Fig. 10: Vista interna da quadra. Fonte: arquivo pessoal, novembro/2007.....	13